PKS PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT

REVISTA DE GEOGRAFIA
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS OPEN JOURNAL SYSTEMS

https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia

A GEOECONOMIA RECENTE NA ESTRUTURA URBANO-REGIONAL EM BALSAS - MARANHÃO (BRASIL)

Roberto César Cunha[1]

[1]*Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: robertoujsma@hotmail.com*

Artigo recebido em 18/08/18 e aceito em 26/06/19

RESUMO

Localizado na região Sul do estado do Maranhão, ocupada entre os séculos XVIII e XIX, o município de Balsas, a partir do desenvolvimento de uma pecuária extensiva e uma pequena produção, promoveu o surgimento de diferentes atividades produtivas em sua estrutura urbano-regional. Essas atividades passaram, a partir dos anos de 1960, por profundas transformações que redefiniram as suas características, a sua estrutura urbana e a sua dinâmica econômica, social e territorial. Nesse sentido, este texto tem como objetivo geral identificar, sobretudo, o dinamismo recente urbano-regional do município de Balsas, tendo como cenário os investimentos nos setores agrícola, industrial, comercial e de serviços.

Palavras-chave: Balsas; estrutura urbano-regional; investimentos; atividades econômicas regionais

THE RECENT GEOECONOMICS IN THE URBAN REGIONAL STRUCTURE IN BALSAS - MARANHÃO (BRAZIL)

ABSTRACT

Located in the southern region of the state of Maranhão, occupied by the XVIII and XIX, century, the municipality of Balsas promoted the emergence of different productive activities in its urban-regional structure, based on the development of extensive cattle ranching and small production. From the 1960s on, these activities have undergone profound transformations that have redefined their characteristics, their urban structure and their economic, social and territorial dynamics. In this sense, this text has as general objective to identify, above all, the recent urban-regional dynamism of the municipality of Balsas, based on investments in the agricultural, industrial, commercial and services sectors.

Keywords: Balsas; urban-regional structure; investments; regional economic activities.

INTRODUÇÃO

Rangel (2005a) assinalou que o desenvolvimento econômico no capitalismo se dá de forma cíclica e não-linear, através de flutuações das atividades econômicas, com a sucessão de períodos de forte crescimento ou de *boom* e períodos de crescimento reduzido, depressivo ou de crise profunda. A ideia de flutuações econômicas já havia sido salientada em Marx (2011), tendo se desenvolvido com contribuições de diversos estudiosos com destaque para Schumpeter (1982) e Kondratieff (1992).

Partindo disso, nas últimas décadas, o Brasil passou por transformações econômicas, sociais e regionais. Conseguiu gerar um volume expressivo de empregos, aumento sistemático e real nos níveis salariais, aumento significativo na massa salarial com inclusão de milhões de pessoas no mercado de trabalho e expansão do consumo nas camadas de baixa renda na população brasileira. Conforme assinalam Espíndola (2016), Bielschowsky (2013) e Barbosa (2013), essas transformações foram possibilitadas por um ciclo de crescimento na economia nacional entre 2003 e 2011. O crescimento acumulado, entre os anos de 2003 e 2012, do produto interno bruto (PIB) foi de 42,1%. A taxa de desemprego saiu de 11,6%, em 2002, chegando a marca de 5,5% em 2012. E o índice de formalização do mercado de trabalho atingiu 54%, em 2012, da população ocupada (IBGE, 2016).

Na esteira da economia nacional, o município de Balsas passou, também, por novas estruturações sociais e econômicas. Segundo IBGE (2016): o PIB passou de R$ 570,5 milhões em 2003, para R$ 2,51 bilhões em 2013; a massa salarial aumentou 403,9% entre os anos de 2006 e 2014; a população ocupada dobrou de 2006 a 2014 e o número de empresas aumentou, no mesmo período, cerca de 42%.

Essas alterações foram objetos recentes de análises de diferentes bibliografias, entre eles é possível ressaltar: Rocha Ferreira (2008); Mesquita (2011); Cunha (2014); Rodrigues (2014), Cunha; Espíndola (2015; 2016). Esses autores destacam a nova dinâmica urbano-regional em conseqüência, sobretudo, da dinâmica expansiva da cadeia produtiva da soja. Entretanto, sem embargo dessas análises, intentando não supervalorizar a cadeia da soja, este texto tem o propósito de identificar o dinamismo recente urbano-regional do município de Balsas, tendo como cenário os investimentos nos setores agrícola, industrial, comercial e de serviços.

Para tanto, utilizar-se-á a categoria formação socioespacial[1]. Conforme Santos (1977), essa categoria foi inicialmente criada para compreender a evolução de uma sociedade dada em sua realidade concreta. A mesma não pode ser entendida sem a noção de espaço geográfico (produto e condição de reprodução das relações sociais), passando então a assumir o status de formação histórica e geograficamente localizada. Assim, cada formação socioespacial é singular, onde os processos gerais interagem com as características particulares, gerando combinações geográficas específicas[2].

Partindo disso, o método explicativo foi utilizado como técnica de pesquisa para elaboração do texto. Segundo Gil (1994, p. 28), este "tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas". Taticamente, o texto foi desenvolvido com base em critérios bibliográficos e documentais, fundamentado em fontes primárias, secundárias e pesquisas de campo de modo contextualizado. Quanto às fontes primárias, recorreu-se a informações e dados dos relatórios técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), ao Sistema de Estatística do Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AGROSTAT), aos relatórios técnicos da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e ao banco de dados da Embrapa. Dentre as fontes secundárias destacam-se: artigos em periódicos indexados, teses, dissertações, livros, sítios na internet de entidades constantes nos relatórios empresariais e governamentais. As pesquisas de campo foram realizadas na cidade de Balsas (MA), em outubro de 2014 e novembro de 2017.

[1] A categoria formação socioespacial, segundo Santos (1977), deve ser compreendida em nível nacional. Porém, para Mamigonian (1965), a mesma categoria pode ser aplicada na escala geográfica regional. Este levou em consideração as contribuições dos clássicos do marxismo, como Lênin (1982) e Rangel (2005b), nas quais demonstraram que havia diferenças significativas nas forças produtivas e nas relações sociais de produção em seus países, dependendo da área geográfica analisada. Ou seja, no mesmo território nacional há peculiaridades regionais no desenvolvimento do capitalismo. No Brasil são nítidas essas diferenciações devido um conjunto de combinações naturais, culturais e econômicas. E essas diferenciações não-contemporâneas não querem dizer que são apenas as desigualdades em diferentes momentos, mas sim, também, é o processo de desenvolvimento delas de forma desigual e combinado em um novo espaço e tempo histórico. Neste texto a formação socioespacial é referente não ao município de Balsas, mas sim a região Sul do Maranhão. Mais sobre a formação socioespacial do Sul do Maranhão estão disponíveis em Cunha (2015).

[2] As combinações geográficas são extremamente importantes para se ter uma aproximação fiel da realidade. Conforme Cholley (1964), essas combinações podem se três tipos: (i) aquelas que convergem de fatores físicos (a geomorfologia, a hidrologia etc.); (ii) aquelas de complexidade maior de ordem física e de ordem biológica (o cerrado); e (iii) aquela de ordem tridimensional, mais complicadas e muito mais requintadas de detalhes, de ordens físicas, biológicas e humanas (agricultura, indústria, comércio). Essas combinações geográficas são similares a que Marx (2011) chamou de 'múltiplas determinações', que ampliam as possibilidades das análises, pois a realidade é fruto da relação dialética entre os aspectos naturais e humanos. Essa dialética, traduzida nas relações das forças produtivas (humanas e naturais) e nas relações sociais de produção (homem e sociedade), é o que clareia o desenvolvimento histórico. E essas relações são estabelecidas em múltiplas escalas (mundial, nacional, regional e local), e permitem compreender um determinado objeto de estudo num universo mais amplo.

Ademais, além dessa breve introdução, apresentam-se adicionalmente a segunda parte que é destinada a ocupação de Balsas e sua estrutura produtiva. A terceira parte mostra o declínio econômico e surgimento da cadeia produtiva da soja e na parte quatro apresenta o dinamismo econômico recente de Balsas, pós-2003. No fim, a quinta parte fazem-se algumas considerações finais.

A OCUPAÇÃO E GÊNESE DE BALSAS E SUA ESTRUTURA PRODUTIVA

No início do século XVIII, chegaram ao Sul do Maranhão os primeiros vaqueiros baianos irradiados do vale do rio São Francisco que conseguiram romper a barreira natural do rio Parnaíba. Logo vendo a imensidão dos verdes pastos maranhenses, pois nunca avistados na caatinga nordestina, batizaram a região com o nome de pastos bons, e logo fundaram uma vila com mesmo nome, na chapada nordeste da serra do Itapecuru (CARDOSO, 1947; CARVALHO, 1924).

Essas lentas e graduais ocupações geográficas do território sulino maranhense, além das condições edafoclimáticas, tinham duas características essenciais: uma era o gado e os sertanejos, pois, são mais ou menos deixados à lei da natureza, e como meio de fixação do homem. O gado vacum, tornou-se um fator preponderante no povoamento do sertão, ¨graças às condições mínimas que exigia para seu trato¨ (dispensava a formação de custos fixo e custos correntes)[3]; a outra seria o sistema de remuneração e de arrendamento da terra (ABREU, 1982).

A remuneração era feita sobre o regime de produção, a cada quatro crias uma era do dirigente do estabelecimento (em média 250 cabeças de gado/ano), o vaqueiro, e, só, em 5 anos recebia sua parte acumulada, ou seja, recebia uma boa quantidade de uma só vez, o que lhe dava condições de ser seu próprio patrão. E o sistema de arrendamento era facilitado pelos grandes proprietários, pois, a quantidade de terra disponível era imensa (ANDRADE, 1985; ABREU, 1982; PRADO JR, 2011)[4].

[3] Segundo Rangel (2005b, p. 25) "o capital necessário à expansão da pecuária é o próprio produto da pecuária, isto é, o gado. Noutros termos, em considerável medida, sem embargo de produzir um bem de consumo, comparta-se como supridora de bem de capital, isto é, está, ao mesmo tempo, no setor II e no setor I. Assim se explica por que o capitalismo emergiu primeiro, no campo brasileiro, na pecuária, e não na agricultura. É que esta, para adquirir os bens de capital necessários, geralmente tem de encontrar mercado para o seu produto final e oferta dos bens de capital, ao passo que a pecuária forma internamente parte decisiva do seu capital".

[4] Castro (1980, p. 41) comenta: "o deslocamento espacial, o melhor aproveitamento do produto básico, e a permanente dilatação do mercado costeiro ofereciam-lhe perspectivas que, não obstante modestas, jamais se esgotavam. De sua lenta, embora permanente, dilatação, resultaria uma progressiva ocupação o *hiterland*. A pecuária seria, assim, o agente conformador de um primeiro esboço de sistema econômico-social, em amplas áreas do território nacional. A elas transmitiria o selo de sua presença: o predomínio do latifúndio, a dispersão e

O primeiro contato entre o norte e o sul do Maranhão foi através da subida e descida do rio Parnaíba onde mandavam gado para Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Luís (ANDRADE, 1995; PRADO JR, 2011). Se a carne do gado abastecia o mercado interno, seus derivados eram pautados à exportação junto a Metrópole, que se tornou uma atividade segura e estável, como a exportação de couros (LIMA, 2006; VIVEIROS, 1954).

Para simplificar, verificou-se que no sul do Maranhão formou-se uma estrutura econômica e social apoiada em forças produtivas ligado a pecuária e relações de produção apoiada num conjunto de renda trabalho e renda produto.

A gênese do município de Balsas incorpora-se, internamente, a essa conjuntura da expansão do mercado interno da carne, demandada, fundamentalmente, da Bahia, da exportação de couro e seus derivados e no comércio da via de acumulação do vale do rio Parnaíba, rio Grajaú e rio Balsas[5]. No final do século XIX, havia grandes propriedades de terra na margem direita do rio Balsas, pertencentes aos grandes fazendeiros de Riachão (MA). O Porto das Caraíbas era via indispensável de fazendeiros, vaqueiros e viajantes para articulação entre a produção, o abastecimento e a comunicação entre essas fazendas.

Logo o porto se torna um entreposto comercial, onde desciam e subiam mercadores, que dentro das balsas, negociavam seus produtos com povoados mais remotos entre o rio Balsas e o rio Parnaíba. Essas tênues relações comerciais atraíram um pequeno núcleo de população que se fixou no local. Essa fixação ocorreu no meio dos latifúndios pecuaristas extensivos (BARBOSA, 1959; COELHO NETO, 1979) e surgiram pequenas propriedades com criações e plantações de produtos destinados à subsistência familiar.

Esses pequenos produtores fabricavam seus próprios instrumentos e utensílios artesanais de trabalho derivados do couro em geral, redes que geralmente eram feitas de algodão e fabricadas em tear local (DUTRA, 2012), praticavam uma produção como: animais de pequeno porte - aves, porcos, caprinos entre outros; e feijão, mandioca, arroz e compartilhavam instrumentos e equipamentos de produção de forma comunitária (COELHO NETO, 1979; BARBOSA, 1959).

Esses pequenos agricultores trocavam seus excedentes (peles de animais silvestres, couro de boi espichado, carnes secas e cereais, principalmente arroz) por produtos trazidos do

a rarefação da vida econômica, a precariedade dos meios de transportes e uma marcante tradição de auto-abastecimento".

[5] É o mais importante afluente do rio Parnaíba, pela margem esquerda e sua extensão total é de aproximadamente 525 quilômetros. Nasce no ponto de encontro da chapada das Mangabeiras com a Serra do Penitente, em altitude superior a 700 metros, no estado do Maranhão. Ver também as características gerais (geomorfológicas, climatológicas e hidrológicas) da formação socioespacial do sul maranhense em Ab´Saber (1960).

comércio de Teresina (PI), (fumo, sal, estivas, remédios e querosene etc.). Chegavam famílias com seus agregados e ex-agregados dos grandes proprietários para fixarem residência, devido à disponibilidade de terras e ao comércio local, cujos produtos eram levados às cidades de Carolina (MA), Floriano (PI) e Teresina (PI), e às características físicas e biológicas do rio Balsas.

Nas chapadas, o solo não era propício para o desenvolvimento de uma agricultura tradicional. Estas áreas eram utilizadas para a criação de gado, suínos e eqüinos. O couro era curtido e comercializado para fazer sapatos e utensílios. O leite de coco da chapada era utilizado na comida e para produção de azeite e/ou gordura. O pequi era usado para fabricar sabão artesanal[6].

Os fluxos das viagens de subida e descida do rio Balsas foram aumentando substancialmente, logo, fez-se necessário um maior número de embarcações para atender à demanda da produção para a circulação comercial no porto de Balsas. As forças produtivas e a ampliação das relações comerciais locais e regionais fizeram pressão e geraram demanda na navegação fluvial. Com isso, em 1905, o governo estadual autorizou a concessão dos serviços[7] para a construção de uma hidrovia entre o Porto de Flores, no rio Parnaíba, e o Porto Caraíba, no rio Balsas, à empresa Oliveira, Pearce e Cia., o que consolidou a navegação no rio Balsas, tornando-o uma via de acumulação (MIRANDA, 2011)[8].

Os grandes fazendeiros também eram, fundamentalmente, os grandes comerciantes, e o excedente econômico nasceu da produção agrícola e acumulou-se nas mãos dos comerciantes via sistema subida-descida do rio Balsas (MA). As balsas traziam a produção

[6] A classificação dada por Rangel (2005a), quando fala das economias não capitalistas: no primeiro caso, é "a zona natural da economia", ou seja, são indissociáveis as funções de produção e consumo. Em algumas unidades de produção, e como a maioria da população está organizada em unidades muito simplórias, as relações entre as indústrias podem ser resolvidas por meio de uma alteração no modo de distribuição do tempo de trabalho no interior da própria unidade. No segundo caso por natureza ou por tecnologia primitiva, resolve-se isso mais ou menos rápido, pois suas relações são interindustriais, simplificando, são receptivamente a formação do complexo rural - uma tênue divisão social do trabalho no interior da organização produtiva e da unidade mercantil. É fato que divisão do trabalho é a condição motriz para o desenvolvimento de uma determinada formação socioespacial, porque oferece à sociedade condições para aumentar seu domínio sobre a natureza, para obter recursos e meios para satisfação de suas necessidades.

[7] As concessões de serviços de utilidade pública - eletricidade, gás, telefones, transportes urbanos, esgotos, transportes ferroviários e marítimos - no Brasil já assumiram algumas formas institucionais. Na época, assim como pelo país adentro, esses serviços eram concedidos a empresas privadas estrangeiras. Em 1952, a empresa Oliveira, Pearce e Cia. deixou de operar na região (RANGEL, 2005b, p. 715).

[8] Vale lembrar que essa conjuntura econômica e social positiva que se passa na formação socioespacial sul e, especificamente, em Balsas, dá-se nos marcos históricos da economia brasileira, onde o capital comercial é superabundante e que em alguns lugares transborda para a instalação do parque industrial e a remodelação da agropecuária. Logo, criar um capital comercial de um país implica criar moeda, construir portos, formar quadros, abrir vias de comunicação, acumular riqueza monetária considerável e, sobretudo, lançar as bases de um verdadeiro mercado nacional (RANGEL, 2005a, p. 311-312).

das fazendas e das pequenas propriedades até o porto, de onde era transportada de caminhão até mercados consumidores – Riachão (MA), Carolina (MA). Essa movimentação da produção e do comércio motivou a presença de sírios e libaneses vindos de São Luís (MA)[9].

Esses imigrantes fundaram a primeira charqueada, por volta de 1932, que tinha a capacidade de abater 50 cabeças por dia, explorando a criação de gado na região. Isso forçou o governo estadual a ceder vantagens e isenções por cinco anos para a charqueada, como também a fazer a exportação do gado abatido e seus derivados - charques, sebos, tripa salgada, mortadelas, chifres etc., por decreto. Também foi construído um depósito para armazenamento de couro, que depois de beneficiado seria exportado via fluvial (COELHO NETO, 1979).

Pode-se afirmar que o processo de ocupação do Sul do Maranhão e em específico a gênese de Balsas tratou-se do estabelecimento de unidades produtivas baseada na pecuária extensiva (no conjunto de renda trabalho e renda produto) e por outro lado, de pequenos agricultores, artesões e pequenos comerciantes que foram fundamentais para a gênese de estruturas produtivas no municípios de Balsas.

DECLÍNIO ECONÔMICO E SURGIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DA SOJA

Não obstante, no final dos anos 1930, o comércio do porto de Balsas foi perdendo influência para a cidade de Carolina (MA) e, devido à rota para Belém, todo comércio do Norte foi desviado de Goiás para a região de Marabá e outras cidades do baixo Tocantins. Além do mais, a mão de obra ficou escassa com a descoberta das minas de diamantes no norte de Goiás, o que levou muitas famílias de Balsas a deslocarem-se por terra com tropas de burros, onde passaram a viver (CUNHA, 2015). A navegação a vapor praticamente desapareceu, devido: (i) aos encargos sociais da capitania dos portos de Parnaíba; (ii) à falta de cargas; e (iii) à abertura de estrada e à facilidade de compra de caminhões importados dos Estados Unidos.

Apesar desse declínio comercial e demográfico, os remanescentes mantiveram a criação - sobretudo nas áreas de chapada - e o comércio de gado bovino com o Ceará. A atividade pecuária viveu uma fase de retração. Devido ao baixo nível tecnológico da criação extensiva, o crescimento estava ligado ao aumento do número de fazendas. Por outro lado, os

[9] Esses não formavam colônias ou grupos homogêneos fechados, geralmente casavam-se com as filhas das famílias mais ricas e aumentavam o seu patrimônio. Os pioneiros, José e Elias Kury, formaram famílias com Coelhos e Regos. O poder econômico e político sempre gravitou em torno dessas famílias. Nesse aspecto em poucas ocasiões o poder municipal esteve fora do controle delas. E um representante dos Coelhos foi Governador do Maranhão

migrantes nordestinos, fugindo das secas, tornaram-se posseiros nas terras abandonadas e produziam, por ordem de importância, arroz, farinha de mandioca, feijão, óleo de babaçu, milho (alimentava animais de pequeno porte) etc., nas áreas úmidas do vale do rio Balsas[10].

Na esteira desse processo de industrialização, mais precisamente em Balsas (MA), no final da década de 1960, forjam-se iniciativas por parte do Estado, como crédito, controle e aprimoramento da produção sobre o pretexto de preços acessíveis para alimentação do mercado interno - massas urbanas - sobretudo nos alimentos considerados básicos, como arroz, carne etc., já que a maioria dos produtos da agricultura era voltada à exportação.

A formação socioespacial sul maranhense e em particular Balsas se especializa no arroz, que se torna o produto mais produzido, e toda produção é escoada para Anápolis pela recém inaugurada Belém-Brasília (VALVERDE, 1963; MALUF, 1977). A acumulação de capital, por parte dos fazendeiros - que eram os comerciantes maiores - gerou um capital ocioso que esperava por novas oportunidades de investimentos. Esses fazendeiros-comerciantes detinham privilégios oligopólicos sobre os produtos, surgindo condições favoráveis para criação de usinas de arroz que, consequentemente, geraram as fazendas de soja, que contou com um elemento fundamental: os migrantes do sul do país. Essas são as principais origens da cadeia produtiva da soja na região sul do Maranhão (CUNHA; ESPÍNDOLA 2015). Outras atividades surgem, principalmente, nas áreas urbanas - vestuário (Imperatriz, Carolina) e embalagens (Balsas e Riachão).

No início dos anos 1970, iniciam-se as "escadas das chapadas"[11] ,no sul do Maranhão, pelos imigrantes originários do sul do Brasil - gaúchos, catarinenses e paranaenses - que fixaram-se nos platôs planos dos gerais de Balsas. Com abertura do complexo rural, eles

[10] Rangel (2005a) assinala as mudanças da agricultura brasileira no processo agudo de industrialização e urbanização a partir da revolução burguesa de 1930. Sua interpretação é imbricada no processo da economia brasileira, onde a abertura do complexo rural ocorreria pelo desmantelamento das atividades não-agrícolas, essas passariam a ser produzidas por setores especializados e a agricultura iria fazer parte da divisão social do trabalho como mais um ramo da produção. A industrialização no Brasil afetaria a agricultura de maneira: (i) direta, por meio da produção de insumos e equipamentos; por meio do aumento do setor industrial de beneficiamento de matérias-primas agrícolas; pela intensa materialização de tecnologias para a expansão da produtividade, consequentemente levando ao surgimento de ociosidade de mão de obra de trabalhadores rurais, pois com a incorporação de capital fixo cai a demanda de capital variável; (ii) indiretamente, por meio das mudanças da sociedade brasileira, pois aumenta a população urbana e, por conseguinte, o consumo de alimentos e a necessidade de trabalhadores para a indústria que, em conjunto com a modernização das técnicas de um lado, e a pauperização das áreas rurais, de outro, estimula o êxodo rural.

[11] Um dos determinantes dessas escaladas nas chapadas e outras áreas do estado, como a ocupação das terras próximas ao longo da BR-316, deram origem a vários municípios (NEWTON BELO), e foi a Lei 2.979, de julho de 1969 - a chamada Lei de Terras Sarney - que permitiu a alienação de um milhão de hectares, surgindo, como consequência, grandes propriedades inclusive produtoras de soja.

vieram (i) atrás de terras para todos os membros das famílias[12] e (b) crédito subsidiado pelo Estado para a modernização das atividades agropecuárias tradicionais (arroz) e para a produção de culturas modernas (soja).

Os pioneiros[13] trouxeram novas estratégias produtivas e econômicas e representaram um novo modal de aproveitamento do solo, principalmente nas chapadas, áreas subaproveitadas pelos fazendeiros de gado e pelos pequenos agricultores balsenses. Esses pioneiros se fixaram, em Balsas, em busca de terra. Com crédito facilitado, adquiriram tratores, esteiras, caminhões, colheitadeiras e os demais implementos agrícolas para o cultivo de arroz. Em 1977 foi realizada a primeira plantação de soja do estado do Maranhão. Foram plantados 32 hectares com produção 55 toneladas (CONAB, 2016), sendo enviadas para São Luís (MA), Fortaleza (CE). A colheita de soja não foi boa, porque as sementes oriundas do Rio Grande do Sul não eram adequadas para o Cerrado e era necessário preparar a terra e descobrir sementes apropriadas para as características edafoclimáticas do Maranhão (CUNHA, 2015).

A primeira semente de soja, adaptada ao cerrado maranhense foi desenvolvida com ajuda do pesquisador da Embrapa, Irineu Alcides Bays. Uma unidade foi instalada, em 1986, onde a centralidade da atividade foi o melhoramento de sementes. A partir da década de 1990, com o advento da agricultura modernizada e, posteriormente, com a consolidação da cadeia produtiva da soja, houve transformações econômicas e sociais nítidas na região sul do estado. Vale lembrar que até 1990, Balsas nem aparecia entre as dez maiores cidades da região sul do estado. De 2000 a 2010, o crescimento do PIB do município de Balsas é significativo, crescendo a taxas superiores a 77% anualmente, e hoje se coloca na quarta posição referente ao PIB do Maranhão.

O crescimento do PIB de Balsas[14] está ligado, também, à produção de soja. Isso porque existiram dois momentos da implantação da soja na região: (i) migrações de produtores sulistas para cidade de Balsas em busca de terra barata (1972/1990); (ii) chegada de grandes empresas de capitais nacionais (SLC, ABC) e multinacionais (Bunge, Cargill, Louis Dreyfus e Multigrain)[15], a partir de 1990, incorporando inovações tecnológicas,

[12] Informações retiradas de entrevista realizada com Antídio Sandri, um dos pioneiros e proprietário das Fazendas Reunidas em Balsas - MA, em outubro de 2014 e novembro de 2017.

[13] Pioneiros no sentido de Monbeig (1984) e Mamigonian (1965).

[14] Balsas é responsável por 38% da produção de soja no estado do Maranhão. Ver Cunha (2015) que detalha a gênese e o desenvolvimento da cadeia produtiva da soja no sul do Maranhão.

[15] Medidas político-institucionais também colaboraram com o crescimento da cadeia da soja no Maranhão, entre elas: (i) a Lei Kandir (lei complementar nº 87, de 13 de Setembro de 1996) isentou o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) nas exportações de *commodities in natura* e manteve a tributação sobre os

mecanização e utilização de insumos modernos (fertilizantes, adubos e corretivos de solo), além de estratégias de competitividade empresarial, políticas industriais, que foram as responsáveis por esse avanço na produção e na produtividade[16].

Em termos gerais, pode-se afirmar que o comportamento dos setores econômicos no município de Balsas apresentou, historicamente, desempenho diferenciado com avanços e recuos. Entretanto, cabe perguntar: qual foi o dinamismo das atividades econômicas do município de Balsas, pós-2003? Qual o impacto na estrutura urbano-regional?

O DINAMISMO ECONÔMICO URBANO-REGIONAL DO MUNICÍPIO DE BALSAS PÓS 2003

A partir de 2003 houve um ciclo de crescimento na economia do Brasil resultante de combinações de elementos endógenos e exógenos. Esses elementos repercutiram em inversões produtivas baseadas em expansão, diversificação e inovação, entre eles destacam-se, segundo Espíndola (2016) internamente: (i) o crescimento do mercado interno; (ii) a evolução do crédito; (iii) os investimentos públicos e privados. Os externos, assinala Bielschowsky (2013): (i) a alta liquidez financeira mundial; (ii) a taxa baixa de juros no

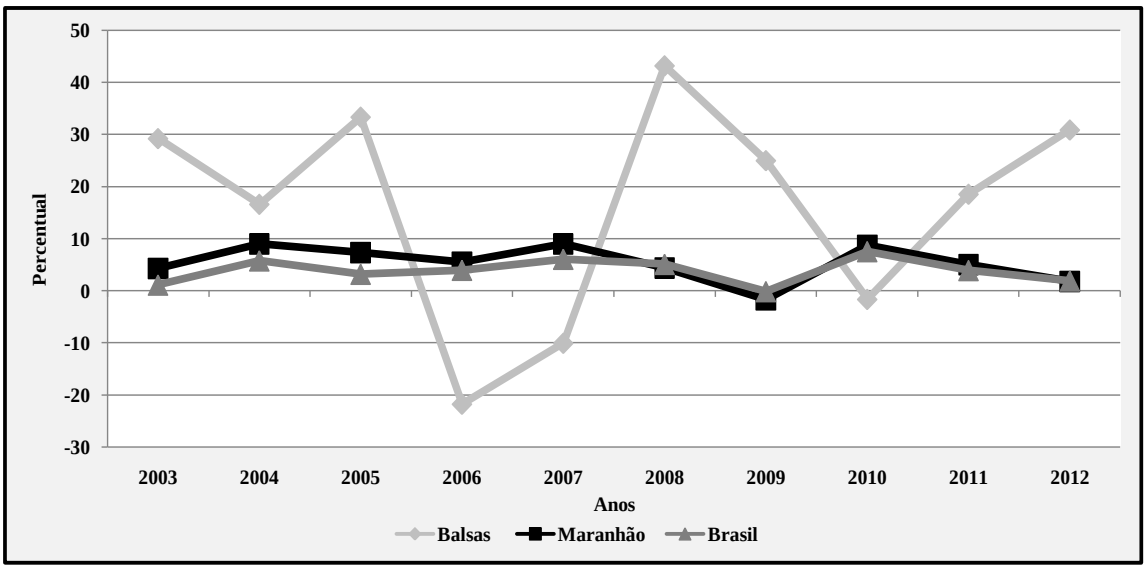
produtos processados e semi-industrializados. Disso decorreu um aumento significativo da dinâmica da competitividade nas exportações dos produtos agrícolas brasileiros. Porém, em contrapartida, houve um desmoronamento acentuado na probabilidade competitiva do mercado externo para os produtos agroindustrializados, sobretudo, farelo e óleo de soja; (ii) incentivos fiscais para a abertura de novas áreas para a produção agrícola, no caso da expansão da soja no cerrado, ela está relacionada com os incentivos do PRODECER (Programa Nipo-Brasileiro de Cooperação para o Desenvolvimento do Cerrado).

[16] Ademais, outras empresas fazem as atividades complementares: de insumos agrícolas - Bunge Fertilizantes de São Luís/MA, Fertipar Fertilizantes do Maranhão, Yara em Imperatriz/MA e Heringer; de máquinas agrícolas - John Deere, Massey Ferguson; biotecnologia e genética - Embrapa, Monsanto, SP Sementes: Nidera Sementea. Os efeitos multiplicativos se apresentam, também, nas: empresas exportadoras e importadoras; estruturas de intermediação; corretoras, assessorias de gestão financeira; consultorias de agromercados; consultorias contábeis; empresas de monitoramento de processos e produtos; serviços de engenharia, agrimessura, terraplanagem e conservação de solo; firmas de ecoturismo e turismo rural etc. Em Balsas, com a dinâmica da soja, surgiu a maior rede de supermercado do Nordeste, exclusivamente de capital endógeno, os supermercados Mateus. Para mais, esses investimentos, por sua vez, promoveram efeitos multiplicativos associados aos serviços vinculados à logística de exportação/importação, hotelaria, turismo e etc. "Por isso que nas pequenas cidades as atividades domésticas têm tanta importância. Só paulatinamente que surgem outras especializações, que vão reduzindo a um mínimo tais atividades e orientando parcelas cada vez maiores da população para atividades extras domésticas. As atividades domésticas urbanas não passam de resíduos do complexo rural. Cada novo passo no caminho do desenvolvimento é, portanto, avanço na distribuição da população e na mudança no seu modo de vida. No início do processo estava uma unidade familiar e produtiva agrícola que si bastava a si mesmo e no fim está uma coletividade, na qual todas unidades e todos os indivíduos são interdependentes, porque, sendo múltiplas as necessidades do homem, a especialização traz como consequência a interdependência de todos os indivíduos e de todos as unidades produtivas. Cada um consome o que milhões de outras pessoas produziram" (RANGEL, 2005a, p. 160-161).

mundo; (iii) investimentos externos diretos (IED); e (iv) a elevada demanda mundial por produtos agroalimentares e minerais proporcionaram [17].

Desta forma, no período entre 2003 e 2013, o PIB do estado do Maranhão cresceu 366,5%, passando da casa dos R$ 18,4 bilhões para R$ 67,5 bilhões. Em termos de taxas de crescimento, conforme demonstra a Figura 1, passou de 4,3%, em 2003, para 8,7%, em 2010; enquanto a taxa brasileira aumentou de 1,1% para 7,5%. O crescimento, entre 2003 (R$ 570 milhões), e 2013 (R$ 2,513 milhões), do PIB de Balsas, a preços correntes, aumentou certa de 4,5 vezes. No mesmo período, a taxa de crescimento do PIB do município de Balsas cresceu de 29,23% em 2003, para 43,2% em 2008, e em 2012 alcançou 30,88%. (IBGE, 2016)[18].

Figura 1 – Taxa Anual de Crescimento do PIB – Brasil, Maranhão e Balsas



Fonte: IBGE (2016). Elaboração: autor

Em relação ao PIB per capita, Balsas manteve-se acima da média nacional e da média estadual. No período entre 2003 e 2013 o crescimento acumulado atingiu 325%. No início desse intervalo de tempo marcava R$ 8. 662,73 por habitante e no final subiu para R$

[17] Barbosa (2013) explica que a política econômica (Lula e Dilma) foi marcada pela evolução dos termos de trocas internacionais do Brasil, redução da fragilidade da economia brasileira, aumento da massa e dos níveis salariais e redução da taxa de desocupação, inclusão social via programas sociais (bolsa família), aumento da facilidade e do volume de crédito, entre outros. Em contraposição, Carcanholo (2010), pois os problemas estruturais e as armadilhas do processo de abertura e liberalização externa da economia brasileira mantiveram-se durante o governo Lula. O autor ressalta que a melhora na economia brasileira foi "tudo fruto do cenário externo extremamente favorável" (CARCANHOLO, 2010, p. 122). Essa linha de raciocínio também é defendida por Paulani (2008) esclarece que o governo Lula aprofundou a política econômica herdada de FHC como, por exemplo, as metas de inflação, as metas de superavit primário, a utilização do mecanismo de câmbio flutuante e a liberalização do movimento dos capitais.

[18] A análise comparativa das valorações de receitas cambiais verifica-se que as exportações maranhenses evoluíram de US$ 739,8 milhões, em 2003, para US$ 2,79 bilhões no final de 2014, apresentando um crescimento acumulado perto de 370% considerando o período total. No caso de Balsas, as vendas externas saltaram de US$ 74,1 milhões em 2003, para US$ 390,9 milhões em 2013 (BRASIL, 2016). Houve diminuição das exportações do Maranhão somente nos anos de 2009, devido crise mundial (por causa da crise do *subprime* americana) e 2012-2013, causado pela retração da economia nacional (BRASIL, 2016).

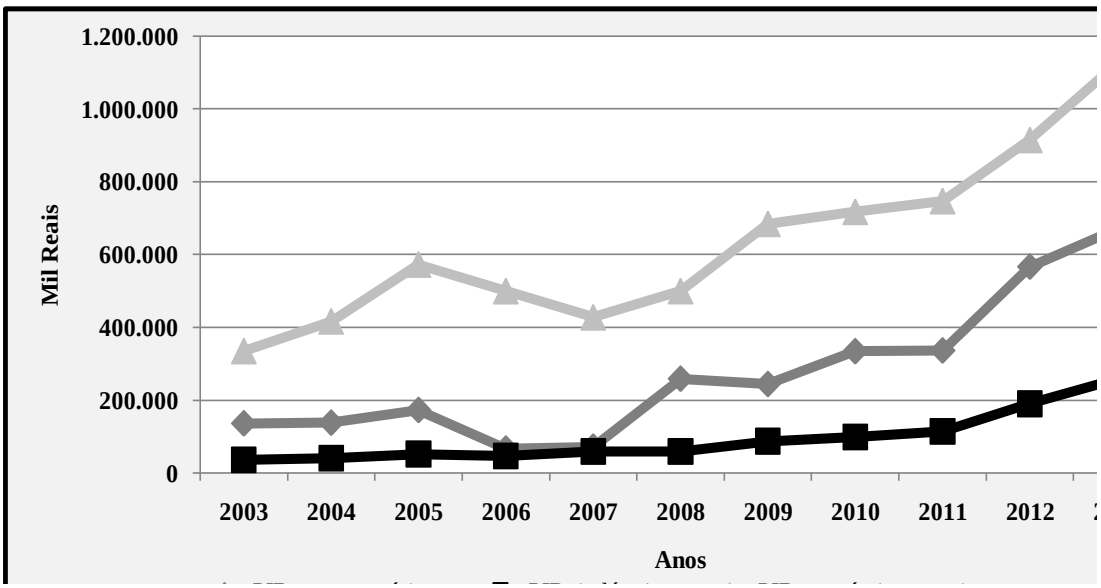
22.204,86. Para mais, Balsas, em 2013, obteve a terceira posição no *ranking* dos PIB`s do estado do Maranhão. Na região Sul do Maranhão, Balsas ocupa a segunda posição, ficando apenas atrás de Imperatriz (IBGE, 2016). O PIB de Balsas representou, em 2013, 3,7% de toda economia do estado do Maranhão[19].

A dinâmica setorial da economia de Balsas (ver figura 2), o ramo de comércio e serviços representava 58,8% em 2003 e em 2012 permaneceu com o mesmo índice, entretanto, em preços correntes, houve aumento de 3,3 vezes. Em 2003, o setor participava com R$ 335,6 milhões e, em 2012, R$ 1,12 bilhão. A agropecuária representava 23,8% (R$ 136 milhões), do PIB em 2003 e passou para 26,7% (R$ 671,3 milhões), em 2013. Esse dinamismo também se repete no setor da indústria. Em 2003 apresentava um índice de 6,3% do PIB, que em valores correntes significava R$ 36,5 milhões. Esse mesmo índice, em 2013, atingiu a marca de 10,2%, que foram auferidos em R$ 258,7 milhões[20].

Figura 2 – Participação das atividades econômicas no PIB de Balsas

[19] O PIB per capita do Brasil e do Maranhão, respectivamente, em 2013, atingiram R$ 6.116,00 e R$ 9.948,43. A região Sul do Maranhão possui três municípios entre os quatro maiores PIB's estaduais. Imperatriz ficou com a segunda posição com R$ 5,03 bilhões e Açailândia o quarto lugar com R$ 1,57 bilhão, ambos em 2013. São Luís, a capital do estado, obteve o primeiro lugar, em 2013, alcançando R$ 23,1 bilhões (IBGE, 2016). Ademais, em 2013, o PIB per capita de Balsas alcançou o segundo lugar geral no estado, perdendo somente para Tasso Fragoso que obteve R$ 88.648,66. É importante salientar que o município de Tasso Fragoso, no Sul do estado, representa baixa densidade demográfica (1,78 hab/km^2) e sua economia está fundamentalmente ligada à produção de grãos de soja, uma vez que, em 2013, ficou em segundo lugar no estado com uma quantidade produzida de 322, 3 mil toneladas (IBGE, 2016).

[20] Essa dinâmica setorial foi estimulada por: na agropecuária- o aumento da participação do Brasil no mercado internacional de soja em grãos (19,8 milhões de toneladas em 2003, para 44,5 milhões de toneladas em 2014). Em Balsas a produção de soja elevou-se de 216 mil toneladas de grãos de soja em 2003 para 386,1 mil toneladas em 2013 (IBGE, 2016), e as exportações de grãos de soja somaram, em 2013, R$ 360,8 milhões (BRASIL, 2016). Espíndola; Cunha (2015) assinalam esse desempenho foi proporcionado mais que a combinação de elevação da demanda externa e dos preços, o crescimento da produção e das exportações está assentado em três grandes combinações que se interrelacionam: (i) a consolidação da soja como importante fonte de proteína vegetal, especialmente para atender a demanda do agronegócio de carnes; (ii) a criação de um Sistema Nacional de Inovação; e (iii) as vantagens comparativas naturais dinâmicas; na indústria e no setor de comércio e serviços – o dinamismo se justifica, entre outros investimentos, por IED realizados na região de Balsas em função das etapas pré e pós-porteiras das fazendas. Por exemplo, a Agrenco investiu US$ 150 milhões em um complexo no sul do Maranhão, para armazenamento e esmagamento de soja e produção de biodiesel e etanol, utilizando grãos produzidos no Maranhão, Tocantins, Piauí e norte do Mato Grosso. Desse total, US$ 10 milhões, só em silos para armazenar soja em Balsas. A ABC Inco, do Grupo Algar, a investir R$ 220 milhões em um complexo industrial em Porto Franco, no sul do Maranhão, com capacidade para processar 650 mil toneladas de soja por ano, que começou operar em 2007 (CUNHA, 2014). A empresa Notaro Alimentos investiu R$ 146 milhões em um complexo industrial avícola em Balsas. Vale lembrar que capitais estrangeiros vêm se expandindo territorialmente no Maranhão. Entre eles: o grupo Bunge & Born, responsável pelo projeto Sanbra Maranhense S. A. ligado à atividade pecuária. Recentemente, a Alcoa (EUA) investiu 25% dos R$ 3,6 bilhões na usina hidrelétrica de Estreito no sul do Maranhão. Em 2013, no município de Imperatriz, foi inaugurada uma fábrica da Suzano Papel e Celulose que teve investimento inicial de US$ 2,3 bilhões (CUNHA, 2014). Ademais, rede de supermercados Mateus investiu R$ 150 milhões na construção de um centro de distribuição em Davinópolis (MARANHÃO, 2012).



Fonte: IBGE (2016). Elaboração: autor

O dinamismo econômico urbano-regional tanto do Maranhão como de Balsas (ilustrado pela participação do valor adicionado na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços), teve impacto direto na geração de empregos[21]. Entre 2006 e 2014, a geração de emprego formal no município de Balsas cresceu de 8.866 para 17.971, no acumula cresceu mais de 100% (IBGE, 2016). A população ocupada, no mesmo período, cresceu cerca de 100%, saiu de 10.079 para 20.092. A maioria dos empregos criados foram absorvidos pelo setor de comércio e serviços (61,5%), seguido pelo ramo da agropecuária (26,1%) e pela indústria (11,3%) (IBGE, 2016). Assim sendo, mudança significativa ocorreu na massa salarial, entre 2006 (R$ 77,6 milhões) e 2014 (R$ 338,3 milhões), houve um aumento absoluto de R$ 255,7 milhões, com nível salarial médio de R$ 1.152,88 (IBGE, 2016). Isso foi possibilitado pelo crescimento de empresas no município. Em 2006, eram 1.436 unidades ativas, entretanto, em 2014, esse número passou para 2.020 unidades (IGBE, 2016).

Por fim, esse desempenho econômico, também, teve impacto direto na dinâmica populacional do estado e na estrutura urbano-regional do município de Balsas. Do ponto de vista populacional, a população do estado do Maranhão é de 6,5 milhões de pessoas, e apenas, 63,07% delas concentram-se nas áreas urbanas, sendo a menor taxa de urbanização do país.

[21] Holanda (2014, p. 2 e 3) assinala que "o crédito direcionado ao financiamento imobiliário e de bens de consumo duráveis também teve significativa influência como fonte geradora de dinamismo à economia do Estado. Entre 2006 e 2010, a modalidade de crédito para aquisição de imóveis deu um salto, de R$ 26 milhões para R$ 305 milhões no período. Com isso, entre 2003 e 2010, a taxa média anual de crescimento da economia maranhense foi de 5,8%, acima da média nacional (4,6%). Tanto no plano estadual como no nacional houve recuo na taxa de desocupação, porém no Maranhão esse foi menos significativo: a taxa de desocupação nacional recuou de 15,3% em 2000 para 7,6% em 2010, enquanto no Maranhão o indicador registrou redução menor, de 11,8% para 8,7%".

Em termos evolutivos, a população do estado passou de 5,6 milhões de habitantes, em 2000, para 6.574.789 habitantes, em 2010, ou seja, em apenas 10 anos a população do estado aumentou em um milhão de pessoas (IBGE, 2010). Em Balsas, em 1991, a população era de 41,6 mil habitantes, em 2003, passou para 60,1 mil, e em 2010, atingiu 83.528 habitantes, em 30 anos a população cresceu mais 100% (IBGE, 2010)[22]. A taxa de urbanização passou de 73,55%, em 1991, para 87,12%, em 2010[23].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto procurou demonstrar a dinâmica recente da economia da estrutura urbano-regional do município de Balsas, localizado na região sul do estado do Maranhão. Para tanto, discutiu-se o processo de ocupação dessa área territorial e o papel desempenhado pela pecuária extensiva e pela pequena produção na constituição das estruturas produtivas. Essas estruturas produtivas, juntamente com a economia brasileira e maranhense passaram, a partir de 1960, em virtude das medidas políticas institucionais adotadas pelo Governo Federal, por profundas transformações que se traduziram em avanços e recuos de alguns segmentos da estrutura produtiva localizada no urbano-regional de Balsas.

Esses avanços e recuos impactaram a estrutura urbano-regional dos setores agropecuário, industriais, comerciais e de serviços o que, por sua vez, possibilitou uma nova dinâmica econômica, populacional. Cabe ressaltar que foram os fatores geoeconômicos, decorrentes dos novos investimentos setoriais, que determinaram essa "nova" dinâmica urbano-regional e não apenas a expansão da cadeia produtiva da soja localizada na região Sul do estado do Maranhão. Para mais, foi demostrado que há uma forte tendência para o imbricamento entre os três setores tradicionais da economia brasileira, uma vez que, reflete diretamente na estrutura urbano-regional no município de Balsas, tornando-se um polo regional.

Cabe lembrar que uma formação socioespacial concreta não se reduz, simplesmente, a homogenia de suas próprias forças produtivas e nem as suas próprias relações sociais de produção dominantes. As diferentes formas de produção e reprodução (material, política,

[22] Entre 1991 e 2000, a população do município cresceu a uma taxa média anual de 4,17%. O estado do Maranhão, esta taxa foi de 1,53%, enquanto o país foi de 1,63%, no mesmo período. Entre 2000 e 2010, a população de Balsas cresceu a uma taxa média anual de 3,34%, enquanto no Brasil foi de 1,17%, no mesmo período (IBGE, 2016).

[23] Essa alta taxa de urbanização em Balsas, derivada da dinâmica econômica do país, do Maranhão e da região sul do estado, proporcional significativo aumento em vários indicadores econômicos e sociais. Por exemplo, a frota de veículos saiu de 8.181 unidades, em 2005, para 41.869, em 2014 (IBGE, 2016). Entretanto, está ocorrendo impactos sociais e ambientais, entre eles: (i) crescente periferização e crescente desordenamento urbano da cidade; (ii) poluição sonora e visual; (iii) problemas com infraestrutura e mobilidade urbana; (iv) desabastecimento de águas e coleta de lixo.

natural, jurídica) não caminham concomitantemente, cada uma tem seu passo, seu ritmo. Cada uma sua temporalidade no mesmo espaço. E essas formas de produção juntos com as relações que produzem, se combinam com outras forças produtivas e relações de produção derivadas, transpostas de outras formações socioespaciais e com isso, não possuem uma vocação específica.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. de. C**apítulos de história colonial e Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Brasília: editora UNB, 1982.

AB'SABER, A. N. Contribuição à geomorfologia do Estado do Maranhão. **Notícia Geomorfológica**, Campinas: v. 3, n.5, p. 35-45, 1960.

ANDRADE, M. C. de. Meio norte e a Guiana Maranhense. 1985.

BARBOSA, N. Dez anos de Política Econômica. In: SADER, E. (Org.). **10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil:** Lula e Dilma. São Paulo; Rio de Janeiro: Boitempo; Flacso, 2013. p. 63-101.

BARBOSA, T. Subsídios para história da cidade de Balsas. **Revista do Instituto Histórica e Geográfico do Maranhão**, São Luís, IHGMA, 1959.

BIELSCHOWSKY, R. Estratégia de Desenvolvimento e as Três Frentes de Expansão no Brasil: um desenho conceitual. In: **Texto para Discussão**. n. 1828, Brasília: IPEA. abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Estatísticas de comércio exterior do agronegócio brasileiro**. Brasília: 2016. Disponível em: <agrostat.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 27 nov. 2016

CARCANHOLO, M. D. Inserção externa e vulnerabilidade da Economia brasileira no governo Lula. In: PASSARINHO, Paulo et. al. **Os anos Lula**: contribuições para um balanço crítico 2003-2010. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 109-131.

CARDOSO, C. **Pastos Bons**. Rio de Janeiro: IBGE, 1947

CARVALHO, C. **O sertão**. Rio de Janeiro: Obras Scientíficas e Literárias, 1924.

CASTRO, A. B. de. **7 ensaios sobre a economia brasileira.** vol. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 139-145, 1964

COELHO NETTO, E. **História do Sul do Maranhão.** São Luís: Editora São Vicente, 1979.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. **Séries históricas de produção de grãos**. Brasília: 2016. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>. Acesso em: 13 nov. 2016.

CUNHA, R. C. A internacionalização da cadeia produtiva da soja em Balsas no Maranhão. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE ESTUDIOS TERRITORIALES E AMBIENTALES, 6., 2014, São Paulo. **Anais... .** São Paulo: Edusp, 2014. p. 1883 - 1900.

CUNHA, R. C. C. **Gênese e dinâmica da cadeia produtiva da soja no Sul do Maranhão**. 2015. 221f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CUNHA, R. C. C.; ESPÍNDOLA, C. J. A geoeconomia da produção de soja no sul do Maranhão: características sociais e territoriais. **Revista da ANPEGE**, São Paulo, ANPEGE, n. 16, v. 11, p. 37-65, jul./dez, 2015.

CUNHA, R. C. C; ESPÍNDOLA, C. J. A Relevância do progresso técnico na consolidação da cadeia produtiva da soja no Sul do estado do Maranhão (Brasil). **Geografia (Londrina)**, v. 25. n. 1. p. 87-106, jan./jun., 2016.

DUTRA, J. A. A. **Tecnologia da informação e desenvolvimento agrícola regional: estudo de caso no município de Balsas – MA.** 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)- Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz do Sul/RS, 2012.

ESPÍNDOLA, C. J. A dinâmica geoeconômica do agronegócio brasileiro de carnes e soja. In: LAMOSO, L. P. (Org.). **Temas do desenvolvimento econômico brasileiro e suas articulações com o Mato Grosso do Sul**. Curitiba: Íthala, 2016. p. 19-53.

ESPÍNDOLA, C. J.; CUNHA, R. C. C. A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva de soja no Brasil e no Mundo. **Geotextos**, v. 11, n. 1, p. 217-238, Salvador, UFBA, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas: São Paulo, 1994.

HOLANDA, F. M. de; ANCHIETA JUNIOR, V. **Avaliando o mercado de trabalho maranhense vis a vis o brasileiro, entre 2000 e 2012.** 2014. Disponível em: <http://www.coreconpr.org.br/wp-content/uploads/2015/10/c2.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: vários anos. 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=29&i=P>. Acesso em: 15 nov. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto interno bruto dos municípios**. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=4>. Acesso em: 14 mar. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Séries históricas**: vários anos. 2016. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=29&i=P>. Acesso em: 15 nov. 2016.

KONDRATIEFF, N. **Ondas largas e conjuntura econômica**. Madrid: Rev. Occidente. 1992.

LÊNIN, V. **Desenvolvimento do capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1982.

LIMA, C. **História do Maranhão**. São Luís: Instituto Géia, 2006.

MALUF, R. S. J. **A expansão do capitalismo no campo**: o arroz no Maranhão. 1977. 142 f. Dissertação (Mestrado em Economia)– Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 1977.

MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 387-481, jul./set., 1965.

MARANHÃO. Secretaria de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Os grandes investimentos privados e públicos do Maranhão e os desafios do desenvolvimento para os próximos 30 anos.** 2012. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=4827cf9c-05e0-46ba-aa08-e4947bf230dc&groupId=63635>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MARX, K. **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MESQUITA, B. **O desenvolvimento desigual da agricultura**: a dinâmica do agronegócio e da agricultura familiar. São Luis: EDUFMA, 2011.

MIRANDA, R. S. Ecologia política da soja e processos de territorialização no sul do Maranhão. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2. ed. Coleção Geografia: Teoria e Realidade. São Paulo: Hucitec, 1984.

PAULANI, L. **Brasil Delivery**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PRADO JR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

RANGEL, I. **Obras reunidas.** v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

RANGEL, I. **Obras reunidas.** v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.

ROCHA FERREIRA, M. da G. **A dinâmica da expansão da soja e as novas formas de organização do espaço na Região de Balsas – MA**. 2008. 272 f. Tese (Doutorado em Geografia)– Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, S. J. D. Dinâmicas territoriais da expansão da fronteira da soja e da organização do trabalho no sul do Maranhão. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, v. 9, n. 17, p. 86-110, Uberlândia, UFU, 2014.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: A formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 54, p. 81-100, jun. 1977.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

VALVERDE, O. O arroz no Maranhão. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro: XVI, p. 1-29, 1963.

VIVEIROS, J. **História do comércio do Maranhão -1612/1895**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão/ Lithograf, 1° v. 1, 1954.